



**VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

**Eixo Relações Étnico-raciais, povos indígenas, população negra,
comunidades tradicionais e políticas sociais**

**O papel da mídia nas crises humanitárias: o caso dos
Yanomami no Fantástico**

Mônica Dau ¹
Mônica Kaseker ²

Resumo: A Terra Indígena Yanomami é a maior demarcada no Brasil, com 96 mil quilômetros quadrados, abrigando 370 comunidades que enfrentam a devastação causada pelo garimpo ilegal. Entre 2019 e 2022, 570 crianças de até cinco anos morreram em decorrência da desnutrição, pneumonia e diarreia e milhares de casos de malária foram registrados (ISA, 2026). Entre 2021 e 2023, reportagens produzidas pelo programa Fantástico da Rede Globo mostraram essa crise humanitária. O artigo apresenta uma análise crítica sobre essa cobertura, observando suas repercussões junto à audiência e às autoridades.

Palavras-chave: Mídia; espetáculo; denúncia; povos indígenas.

Abstract: Yanomami Indigenous Territory is the largest demarcated territory in Brazil, covering 96,000 square kilometers and home to 370 communities facing devastation caused by illegal mining. Between 2019 and 2022, 570 children under five years old died from malnutrition, pneumonia, and diarrhea, and thousands of cases of malaria were recorded (ISA, 2026). Starting in 2023, a series of reports produced by the Rede Globo program Fantástico covered this humanitarian crisis. This article presents a critical analysis of this coverage, observing its repercussions among the audience and authorities.

Keywords: Media; spectacle; denunciation; indigenous people.

INTRODUÇÃO

A Terra Indígena Yanomami é o maior território demarcado no Brasil, com 96 mil quilômetros quadrados, onde vivem 370 comunidades. Entre 2019 e 2022, 570 crianças de até cinco anos morreram em decorrência da desnutrição, pneumonia e diarreia e milhares de casos de malária foram registrados (ISA, 2026). A população também está exposta à contaminação por mercúrio causada pelo garimpo ilegal.

A partir de 2021, reportagens produzidas pelo programa Fantástico da Rede Globo cobriram essa crise humanitária. O artigo apresenta uma análise crítica sobre essa cobertura, observando suas repercussões junto à audiência e às autoridades. Em que medida a tragédia torna-se espetáculo? Por outro lado, a denúncia contribui para chamar a atenção do governo e da opinião pública trazendo políticas públicas e soluções para os problemas enfrentados pelos Yanomami?

¹ Jornalista, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: monica.gabriela@uel.br

² Jornalista e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: mkaseker@uel.br



Neste texto, apresentamos reflexões que estão em desenvolvimento numa pesquisa de Mestrado em Comunicação, no estudo de caso de três reportagens veiculadas no auge da crise e também no retorno da equipe do Fantástico ao território indígena em 2025.

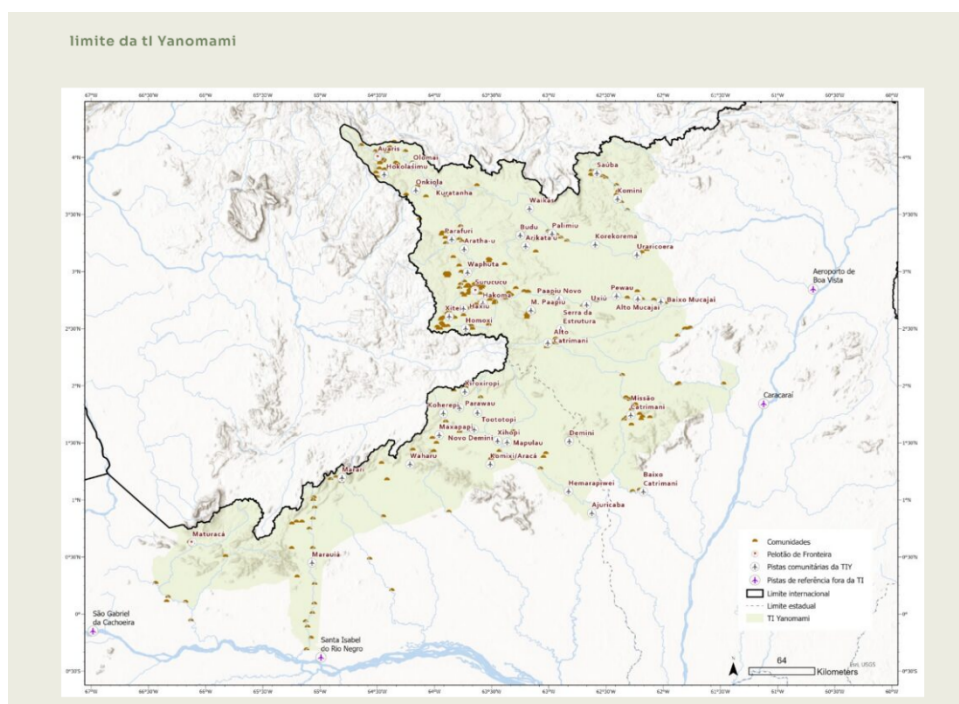
Inicialmente, contextualizamos informações sobre o Povo Yanomami que constitui uma das 305 etnias presentes no território brasileiro segundo o IBGE (2022). Para isso, recorremos aos autores Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015) e Hanna Limulja (2022). Em seguida, apresentamos uma linha do tempo sobre como a crise humanitária dos Yanomami se desenrolou e sua aparição na mídia, com base nas informações do Instituto Socioambiental, Sumaúma Jornalismo, Hutukara e portal Survival. Ao final, abordamos o perfil do programa Fantástico e analisamos as reportagens que compõem o corpus de pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

O povo Yanomami

Yanomami vem do etnônimo Yanõmami Tepë e significa “ser humano” na língua do ramo ocidental deste grupo étnico (Hutukara, 2025). O território Yanomami soma cerca de 23 milhões de hectares, abrangendo áreas no Brasil e na Venezuela. No lado brasileiro, a Terra Indígena Yanomami possui mais de nove milhões de hectares, homologados em 1992, distribuindo-se entre Roraima e Amazonas. Já na Venezuela, parte do território encontra-se em áreas de proteção, mas sem garantir os mesmos direitos assegurados por uma Terra Indígena. Atualmente, estima-se que mais de 30 mil Yanomami vivam em 376 aldeias, sendo a maioria em regiões remotas, acessíveis apenas por pequenas aeronaves (Hutukara, 2025).

Figura 1: Mapa da região abrangida pelo território Yanomami



Fonte: Instituto Socioambiental (ISA).

É importante destacar aqui que o início das invasões e destruição começaram na ditadura empresarial militar. Conforme reportagem do portal Survival Brasil, que apoia a causa indígena com a divulgação das violências contra esses povos, a decisão trouxe consigo os primeiros contatos dos indígenas com doenças. No início dos anos 70, o governo militar decidiu construir uma estrada cortando a Amazônia ao longo da fronteira norte. Sem aviso prévio, tratores percorreram a comunidade Yanomami de Opiktheri. Duas aldeias inteiras desapareceram em decorrência das doenças trazidas pelos invasores. Os Yanomami continuam a sofrer com os impactos devastadores e duradouros da estrada que trouxe colonos, doenças e o álcool. Hoje, os fazendeiros de gado e os colonos usam a estrada como um ponto de acesso para invadir e destruir a terra Yanomami. (SURVIVOR BRASIL, 2026)

A característica de isolamento desses povos foi dizimada ainda no começo dos anos 1970, quando o “progresso” colonizador chegou naquele território. Um trecho da Perimetral Norte, aberta para conectar outros estados do norte do Brasil começou a ser construído em 1973, como narra Davi Kopenawa, em coautoria com Bruce Albert, sendo interrompida em 1976. Entre 1987 e 1989, a região chegou a ter mais de 40 mil garimpeiros. E essa invasão só foi relativamente contida a partir de meados da década de 1990 após um escândalo internacional causado pelo extermínio dos Yanomami. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 562).

Entretanto, intensas atividades de garimpo foram retomadas nestes últimos anos e, além disso, a integridade da Terra Indígena Yanomami vem sofrendo novas ameaças, tanto de companhias mineradoras como da frente agropecuária local, interessadas em expandir suas atividades no oeste do estado de Roraima. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 53).



A figura central para os Yanomamis é Omama, o criador de toda a existência. Para os não indígenas, podem parecer fantasmas, para o povo da floresta, são os xapiri, que são como espíritos auxiliares. Kopenawa destaca: Os xapiri são as imagens dos ancestrais animais yarori que se transformaram no primeiro tempo. É esse o seu verdadeiro nome. Vocês os chamam “espíritos”, mas são outros. Vieram à existência quando a floresta ainda era jovem. (KOPENAWA, 2015).

A conexão com os espíritos da floresta tem relação direta com os sonhos, a morada de todas as experiências para os Yanomami, outra característica que distancia, e muito, do viver colonizado, incrustado em nossas vidas pelo capital. Aqueles que não sonham e não fantasiam, dificilmente vão acreditar na manifestação da cosmovisão. Davi Kopenawa conta a Bruce Albert a sensação proporcionada pelos sonhos. “Meus braços se transformaram em asas, como as de uma grande arara-vermelha. Eu podia então contemplar o topo das árvores abaixo de mim, como de um avião.” (KOPENAWA, 2015)

A crise humanitária

As epidemias foram o primeiro instrumento de entrada dos não indígenas no território, movimento registrado nos últimos séculos. Na África, os europeus morriam como moscas, aqui eram os indígenas que morriam: agentes patogênicos da varíola, do sarampo, da coqueluche, da catapora, do tifo, da difteria, da gripe, da peste bubônica, e possivelmente da malária [...]. Em suma, os micro-organismos não incidiram num vácuo social e político, e sim num mundo socialmente ordenado. (CUNHA, 2012)

É importante seguir neste histórico para entender que as epidemias se tornaram armas históricas dos colonizadores, formas de guerras estruturais que decidem através da necropolítica, quem tem direito de viver e morrer, principalmente baseado em preconceitos e dominação branca. O racismo é o motor do princípio necropolítico, enquanto este é o epíteto da destruição organizada, o nome de uma economia sacrificial, cujo funcionamento requer que, por um lado, se reduza o valor da vida e, por outro, se crie o hábito da perda. (Mbembe, 2017, p.65)

As doenças trazidas pelos brancos foram divisores de águas para os Yanomamis que, antes da aproximação com não indígenas, tinham pouco contato com mortes precoces. Kopenawa destaca que “as epidemias não sujaram seus fantasmas, mas agora, quando quem mata é a doença de branco, até seu espectro é infestado” (KOPENAWA, p.297). Não havia também, inúmeras pessoas doentes ao mesmo tempo, como aconteceu durante a crise humanitária de desnutrição e outros flagelos. “Antes, tampouco ficávamos doentes todos ao mesmo tempo. As pessoas não morriam tanto! Os espíritos maléficos nẽ wãri comiam a imagem de um homem aqui, ou de uma mulher ali. Uma moça falecia quando um caçador



distante flechava seu duplo animal rixi. Uma criança era devorada pelos espíritos de xamãs inimigos. Por vezes, um ancião morria de repente, antes da hora.” (KOPENAWA, p. 297)

É possível perceber o tom preconceituoso e racista nas coberturas jornalísticas. Na reportagem “Yanomami - A Tribo Pacificada Por Calleri”, do jornal Correio do Povo, por exemplo, a jornalista Lucia Bonfim fala da chegada dos católicos à comunidade, como se os indígenas fossem selvagens precisando ser controlados. “Este grupo, no entanto, aprendeu com os missionários a tomar banho de rio e pescar. São semi-nômades. Caçadores e coiotes, já tem um começo de agricultura (banana, mandioca). Podia-se ver o quanto são primitivos também pela sua cerâmica, que é muito pobre.” (BONFIM, 1969). Carlos Zacquini, missionário italiano, chegou na comunidade nos anos 60 é citado em alguns momentos da reportagem, como se os religiosos fossem a “salvação” de um povo “perdido”.

Mas a imagem que ficou gravada com mais força na minha memória foi a magra figura do irmão Carlos que havia se levantado da sua rede, onde procurava vencer mais um ataque de malária. O irmão Carlos nos sorria e dava adeus, depois de ter se recusado a ir para o hospital para não abandonar seus índios. (BONFIM, 1969)

A reportagem do jornal impresso é um claro retrato da visão da mídia, ainda que há 50 anos. Mesmo passando dias com os indígenas, conhecendo seus costumes e sendo bem recepcionada em inúmeros momentos, a jornalista destacou a benevolência dos não indígenas que tinham o claro objetivo da catequização e afastamento dos indígenas das suas crenças originais.

Figura 2: Recorte da matéria “Yanomami – A Tribo Pacificada por Calleri”, publicada no jornal *Correio do Povo*, 16 mar. 1969.





Fonte: Acervo Instituto Socioambiental (ISA).

A crise humanitária ficou ainda mais clara em 2019, em meio ao governo de Jair Bolsonaro. Depois, veio a covid-19, que piorou ainda mais a situação. Enquanto o número de casos da doença era baixo no Brasil, o governo Bolsonaro protegia os garimpeiros, como mostrou uma reportagem matéria do portal g1. Suas políticas, que fortaleceram mais o garimpo do que os indígenas, foi mortal. Em fevereiro de 2020, o então presidente Jair Bolsonaro assinou e enviou ao Congresso um projeto de lei que visava regulamentar a mineração e a geração de energia elétrica em terras indígenas, incluindo a exploração econômica em territórios tradicionalmente protegidos, suscitando ampla controvérsia entre organizações indígenas e ambientalistas em virtude de seu potencial impacto sobre a integridade territorial e a saúde desses povos (G1, 2020). Os riscos sanitários e sociais eram evidentes, mas sequer um estudo foi feito para liberar tamanha destruição em terras indígenas.

O garimpo ilegal explodiu no território Yanomami em 2019. Segundo levantamentos da Agência Samaúma, os quatro anos de governo de Jair Bolsonaro foram responsáveis pelo colapso sanitário do território, tudo agravado pela destruição ambiental, invasão de garimpeiros e a falta de assistência em saúde. Entre 2019 e 2022, pelo menos 570 crianças Yanomamis morreram por causas evitáveis, como desnutrição, malária e pneumonia (Sumaúma, 2023). Em 2022, foram registradas 343 mortes e no ano seguinte, foram 428 óbitos. Além disso, mais de 9 mil casos de diarreia e 20 mil casos de síndrome gripal. O governo Lula toma posse em janeiro de 2023 no auge da crise e, mesmo com a criação do Ministério dos Povos Indígenas, não solucionou totalmente os problemas enfrentados pelo povo Yanomami. Segundo reportagem da Agência Sumaúma, mesmo após o investimento emergencial do governo federal, problemas estruturais continuaram comprometendo a resposta à crise sanitária no território:

O governo Lula investiu, não há dúvida, em recursos e em número de pessoas, o que demonstra vontade política efetiva de enfrentar o genocídio Yanomami. O que, então, aconteceu? SUMAÚMA ouviu trabalhadores da saúde e lideranças indígenas de diferentes partes do território para entender como o governo gastou 1 bilhão de reais e mobilizou quase 2 mil profissionais de saúde – e, mesmo assim, fracassou. A maioria deles pediu para não ser identificada por temer ser retirada do atendimento aos Yanomami. (SUMAÚMA, 2024).

A cobertura do Fantástico

O Fantástico, programa criado durante o regime militar brasileiro em 1973, carrega em sua origem um projeto de espetáculo informativo. Segundo o site *Memória Globo*, o programa *Fantástico* foi idealizado em 1973 por Boni, então superintendente de Produção e Programação da TV Globo, com o propósito de misturar jornalismo e entretenimento em um formato de revista televisiva, incluindo humor, reportagens internacionais e variedades. (*Memória Globo*, 2026).

Com uma linguagem que mescla entretenimento e jornalismo, o programa contribuiu para construir representações hegemônicas sobre diferentes sujeitos sociais ao longo de sua trajetória.



Este ano, o programa completa 53 anos no ar e tem cerca de duas horas e meia de duração. Desde o princípio, a característica de “show da vida”, ou seja, que qualquer pessoa pode proporcionar um show foi uma premissa do programa. Bucci (2000) explica que em diversos contextos é possível associar o jornalismo a um espetáculo:

Mesmo os eventos mais fundamentais da democracia, de uma escolha de prefeitos ao processo de impeachment de um presidente, adquirem visibilidade à medida que se convertam em shows na mídia. As eleições despertam coberturas espetaculares, como se fossem cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos. Os jornalistas não estão fora disso; ao contrário, quase sempre trabalham para promover a aproximação entre o público e o show. Eles mesmos são animadores do show. (Bucci, 2000, p.193)

Muniz Sodré, em sua obra *As estratégias sensíveis* discute as estratégias para tornar o telespectador em um ser envolvido pela notícia espetacular. A mídia se torna um meio de captura da parte sensível, daquilo que é caro para o ser humano em alguns momentos. Imagens chocantes, dramas humanos, tragédias são os elementos desejáveis nessa estratégia de espetacularização das notícias. Em inúmeras matérias do Fantástico, valoriza-se a imagem, a grande história para que a notícia “emplaque” e atraia a audiência. Os detalhes são importantes. [...] Nos grandes shows de música popular, nos folhetins televisivos, na literatura de grande consumo, nos programas humorísticos de tevê, a emoção fácil é o produto com que se adulam os públicos, levando-os a risos e lágrimas fáceis. (SODRÉ, 2006, p.51)

Nesse sentido, buscamos analisar três reportagens exibidas pelo programa Fantástico, da TV Globo, entre 2021 e 2025. As produções denunciam e exploram a crise humanitária no território Yanomami, a desnutrição dos moradores da terra indígena, a falta de assistência do governo federal e por fim, a volta da equipe de reportagem dois anos depois. O corpus inclui a reportagem “Crianças yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico”, exibida em novembro de 2021, a reportagem especial “Fome, desnutrição, malária e contaminação por mercúrio: a tragédia Yanomami em Roraima”, de 2023 e o reencontro posterior com crianças que haviam sido retratadas durante a crise humanitária, já no ano passado.

Nessa análise, consideramos quatro aspectos: uma descrição resumida das reportagens, a participação dos repórteres (neste caso, Alexandre Hisayasu e Sônia Bridi), o envolvimento da narrativa e como o drama humano é explorado. Uma das reportagens ganhou o prêmio Vladimir Herzog em 2022 e vamos discutir quais resultados e impactos sociais decorrentes desta cobertura.

Crianças yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico

(2021)

A reportagem tem 17 minutos e abre com uma trilha forte, já mostrando garimpeiros prejudicando rios da terra indígena. A equipe, que é da Rede Amazônica (afiliada da Globo) foi



convidada pela Associação Hutukara para acompanhar o que foi chamado de crise humanitária.

No início da reportagem, há indígenas, como Dario Kopenawa Yanomami, ressaltando a importância do trabalho da imprensa no caso. Eles visitaram três comunidades: Xaruna, Surucucu e Heweteu. Nesses três locais, as imagens de crianças desnutridas e com barriga dilatada surgiram várias vezes, assim como cenas delas chorando bastante. Com a ajuda de um tradutor, o repórter conversou com alguns indígenas e o problema gira em torno de falta de assistência, remédio e alimentação adequada. Um dos indígenas diz que “está cansado de perder netos” para a malária e a desnutrição.

A mesma reportagem também expõe garimpeiros, e traz dados demonstrando que o aumento da presença deles em 2021 em relação a anos anteriores foi de 140%. Por fim, existem as respostas dos representantes dos DISEIS (Distrito Sanitário Especial Indígena) da época, mas poucas soluções são apresentadas até o fim da reportagem, que critica as tentativas do governo Bolsonaro em resolver a situação, sendo uma delas, o envio de quase 40 mil doses de cloroquina para combater a Covid-19, sabendo da ineficácia do medicamento para este fim.

O repórter, Alexandre Hisayasu não se coloca numa posição ativa, apenas como alguém que escuta e observa, mantendo uma distância da situação, também pelo contexto de pandemia. A narrativa privilegia as falas das lideranças indígenas, profissionais de saúde e pouquíssimos indígenas, fora as lideranças. São apenas dois que falam, com ajuda do tradutor. A participação é mais como uma mediação, não protagonismo, como é possível observar nas outras duas reportagens analisadas.

Fome, desnutrição, malária, e contaminação por mercúrio: a tragédia Yanomami em Roraima (2023)

Dois anos depois da primeira reportagem, a situação piorou. A repórter Sônia Bridi e o repórter cinematográfico Paulo Zero voltaram ao território Yanomami. Ou seja, a primeira reportagem pouco contribuiu para mudanças no cenário de violência enfrentado pelos Yanomami. A matéria já começa novamente com imagens de crianças extremamente desnutridas, com barrigas dilatadas. As crianças aparecem bastante borradas, mas isso pouco ameniza a dor provocada por cenas tão impactantes, incluindo a de um bebê chorando e agonizando.

Toda a reportagem é acompanhada por uma trilha sonora que remete a filmes de guerra “tribal”. A repórter apresenta um histórico da invasão do garimpo desde 2016, utilizando um mapa para contextualizar o avanço da atividade ilegal. Em determinado momento, destaca o medo dos indígenas de voar, mostrando a imagem de uma mulher indígena segurando o agente de saúde durante o transporte. Essa construção visual reforça novamente uma imagem de alteridade radical, associada à ideia de que os indígenas seriam “selvagens”.

Grande parte da reportagem é composta por imagens de pessoas extremamente magras. Em alguns momentos, partes do corpo aparecem borradas, mas é evidente que se tratam de



feridas e sinais de debilidade física. O material inclui uma entrevista com Júnior Yanomami, presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami (DSEI-Y), que afirma que, após a primeira reportagem exibida pelo Fantástico, pouca coisa mudou.

Também aparece uma fala do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que relata o choque ao ver fotografias de indígenas desnutridos. Segundo dados apresentados na reportagem, entre 2019 e 2022 ocorreram 570 mortes de crianças Yanomami, números citados a partir de informações da Agência Samaúma e do Ministério da Saúde. A matéria também apresenta críticas ao período do governo de Jair Bolsonaro, destacando dados que indicam 152 mortes durante seu governo.

Outro elemento recorrente é a repetição excessiva de imagens de sofrimento. Em diversos momentos, essas imagens se sobrepõem às entrevistas, ocupando grande parte da narrativa visual. Sônia Bridi aparece em passagem³ já na metade da reportagem e também em outros momentos, participando das movimentações da equipe em campo. A matéria mostra ainda um líder de garimpeiros em campanha para deputado e destaca que o ex-presidente Bolsonaro visitou um garimpo ilegal durante seu governo.

A reportagem acompanha também a entrega de alimentos em comunidades Yanomami e mostra novos resgates para atendimento médico. Em determinado momento, registra em câmera lenta a repórter levando uma criança nos braços. A matéria se encerra com uma enfermeira que afirma que os Yanomami encontrarão o próprio caminho, mas que precisam de ajuda. Ao final, a apresentadora Maju Coutinho indica o site da emissora para que o público possa ajudar os Yanomami.

Repórteres reencontram crianças Yanomami que comoveram o país durante crise humanitária (2025)

Dois anos depois da segunda reportagem, a repórter Sônia Bridi retorna à Terra Indígena Yanomami. A narrativa começa com uma trilha sonora mais alegre, na aldeia de Minaú. Esse enquadramento inicial já funciona como um recorte narrativo para que o telespectador compreenda que “algo mudou”. Segundo a enfermeira Clara Opoxina, naquele momento havia nove postos de saúde funcionando para atendimento aos indígenas.

A matéria volta a exibir imagens de arquivo da desnutrição, acompanhadas do depoimento da enfermeira, que afirma que, durante a crise, muitas vezes precisava se afastar para chorar. Sônia Bridi pergunta quando a situação começou a melhorar, e ela responde que apenas recentemente, naquele momento de 2025.

As imagens mostram a repórter dançando com os indígenas e sendo abraçada por moradores da comunidade. Diferentemente da reportagem anterior, os indígenas aparecem agora com pinturas tradicionais e, pela primeira vez, há uma entrevista com um Xamã. Em determinado momento, a câmera destaca a repórter observando o Xamã enquanto ele realiza uma

³ Passagem é o termo técnico utilizado pelo telejornalismo para as falas em que a imagem do repórter falando aparece.



representação simbólica do desequilíbrio da Terra.

Constroem a reportagem informações sobre mudanças ocorridas desde a cobertura anterior, de 2023. Entre elas, a destruição de veículos e estruturas utilizadas por garimpeiros. Segundo dados apresentados na matéria, houve queda de 96,5% no número de garimpeiros, mas não são mencionadas as fontes deste dado. Subtende-se que são números do Governo Federal. A reportagem destaca ainda o trabalho da força-tarefa do Exército, responsável por mapear e destruir acampamentos ilegais. Um grupo de indígenas também foi treinado para ajudar a impedir a entrada de garimpeiros no território. Um posto de saúde que havia sido incendiado foi transformado em base do Exército.

Sônia Bridi mostra ainda diferenças na paisagem. Em determinado local, por exemplo, a mata voltou a crescer após a destruição de acampamentos de garimpeiros que antes ocupavam a área. Segundo a reportagem, as mortes por malária caíram 42%. As imagens passam a mostrar indígenas jogando futebol e novamente aparece uma entrevista com Júnior Yanomami, que afirma que as crianças agora brincam mais. A matéria também mostra a construção de um novo hospital, com capacidade para atender cerca de 10 mil indígenas.

Apesar das melhorias, a desnutrição ainda aparece como problema. A matéria informa que mais de 30 crianças morreram em 2024, segundo dados citados na própria reportagem. Em outro momento, repete-se a imagem exibida na reportagem anterior, em que Sônia Bridi carrega uma criança. Júnior Yanomami apresenta novamente a menina que havia sido carregada pela repórter. Sônia comenta: “olha como estão gordinhas”. Ela segura a mão da criança, pega-a no colo e afirma que agora está mais pesada. Em seguida, se emociona e abraça a menina. A repórter também pega a irmã da criança no colo.

Todas as três matérias se dedicam pouco espaço à explicação dos costumes Yanomami. Um dos poucos momentos em que isso ocorre é quando Sônia Bridi comenta que, entre os Yanomami, os nomes costumam ser escolhidos apenas quando as crianças crescem. Na edição, há também uma comparação entre as imagens das crianças desnutridas mostradas anteriormente e as imagens atuais. Todas aparecem visivelmente com mais peso. Por fim, a repórter participa de atividades na comunidade para conhecer novas plantações realizadas pelos indígenas, embora destaque que a segurança no território ainda é considerada frágil.

CONCLUSÕES

Ao analisar essas três reportagens exibidas entre 2021 e 2025, vemos que o padrão narrativo é marcado pela exploração do sofrimento humano para construir a reportagem. Essa crise é constantemente apresentada ao público através das imagens de crianças desnutridas, corpos doentes e resgate, que podemos chamar de dispositivos de sensibilização.

Vemos também uma enorme quantidade de texto, para muitas imagens, inclusive cobrindo os entrevistados com frequência. É repetido o uso das imagens das crianças com barriga dilatada, o uso de trilhas dramáticas. Nas duas primeiras reportagens, pouco se fala em



soluções práticas ou algum sinal de esperança. Isso é visto somente na última matéria. Como observa Sodré (2006), a mídia contemporânea frequentemente recorre à exploração do sensível como forma de capturar a atenção do espectador e produzir engajamento afetivo com determinadas histórias. No caso das reportagens analisadas, a crise Yanomami é narrada principalmente por meio da dor, da fome e da doença.

O que também destacamos são as poucas menções a história, costumes e rituais desses povos. Eles são expostos somente em um recorte de vulnerabilidade, carência e em momentos, como selvagens, como o destaque na reportagem de 2023 ao medo da indígena em andar de helicóptero. O papel dos repórteres também é relevante. Na matéria de 2021, Alexandre Hisayasu tem uma postura observadora. Nas reportagens posteriores, Sônia Bridi assume certo protagonismo nas narrativas, inclusive participando das ações, quando carrega uma criança no colo. É uma maneira de aproximar o telespectador da situação e demonstra o papel ativo do repórter na estrutura do material que vai ao ar, o que acrescenta teor emocional e dramático à narrativa.

Percebe-se também que, a partir de 2023, mudanças foram feitas após a imensa repercussão da matéria com a primeira visita de Sônia Bridi e equipe. Em pesquisa no site da Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal, percebemos que no dia 30 de janeiro de 2023, um dia depois da reportagem ir ao ar, foi publicada uma matéria sobre as omissões do governo anterior. Quatro dias depois, outra matéria, dessa vez falando da entrega de 75 toneladas de mantimentos e medicamentos no território. Depois, veio a destruição de garimpos e estruturas dos criminosos, além do decreto de emergência sanitária.

É possível concluir que as reportagens do Fantástico revelaram que a visibilidade proporcionada foi importante para a mobilização e pressão das autoridades, embora seja impossível negar a espetacularização do sofrimento. Essa característica, somada à invisibilidade e à falta de conhecimento sobre os povos indígenas, acabam vitimizand-os, pois raramente aparecem e quando surgem no programa estão em profundo abandono. Portanto, compreender e refletir sobre esses dois aspectos é importante para entender como essas realidades aparecem no espaço público, principalmente a partir do papel da mídia nessas narrativas.

É importante destacar que veículos locais e alternativos de comunicação já divulgavam os problemas enfrentados pelos Yanomami, como a Agência Sumaúma, que é de jornalistas da Amazônia e se dedica desde 2022 a expor dados sobre mortes e expansão do garimpo ilegal. Um jornalismo que vem desempenhando um papel fundamental na luta, focando nos territórios indígenas, e guarda um enorme material para futuras gerações.

REFERÊNCIAS



ALBERT, Bruce. **A fumaça do metal: História e representação do contato entre os Yanomami.** Anuário Antropológico, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 151–189, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6434>. Acesso em: 20 nov. 2025.

BONFIM, Lucia. **Yanomami** – A tribo pacificada. Correio do Povo, Porto Alegre, 1969. Disponível em: https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/24959_20130325_134548.pdf. Acesso em: 20 nov. 2025.

BRIDI, Sonia. Repórteres reencontram crianças yanomami que comoveram país durante crise humanitária. **Fantástico.** Rio de Janeiro: TV Globo, 2025. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/13568799/>. Acesso em: 8 mar. 2026.

BRIDI, Sonia; ZERO, Paulo. Fome, desnutrição, malária e contaminação por mercúrio: a tragédia Yanomami em Roraima. **Fantástico.** Rio de Janeiro: TV Globo, 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11322087/>. Acesso em: 8 mar. 2026.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

G1. **Bolsonaro assina projeto de lei para regulamentar mineração e geração de energia em terras indígenas.** G1 — Portal de notícias da Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/05/bolsonaro-assina-projeto-de-lei-para-regulamentar-mineracao-e-geracao-de-energia-em-terras-indigenas.ghtml>. Acesso em: 29 jan. 2026.

G1. **Crianças yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico.** Fantástico, 14 nov. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/11/14/criancas-yanomami-sofrem-com-desnutricao-e-falta-de-atendimento-medico.ghtml>. Acesso em: 8 mar. 2026.

ISA. Instituto Socioambiental. **O que você precisa saber para entender a crise na Terra Indígena Yanomami.** Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/o-que-voce-precisa-saber-para-entender-crise-na-terra-indigena-yanomami>. Acesso em: 02 mar. 2026.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros: Uma etnografia dos sonhos Yanomami.** São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade.** São Paulo: n-1 edições, 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Fantástico e a Censura Federal.** Portal Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/noticia/fantastico-e-a-censura-federal.ghtml>. Acesso em: 5 fev. 2026.

MEMÓRIA GLOBO. **História do programa Fantástico.** Portal Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/noticia/historia.ghtml>. Acesso em: 04 fev. 2026.

SODRÉ, Muniz. **Estratégias sensíveis: afeto, mídia e política.** Petrópolis: Vozes, 2006.

SUMAÚMA. **Gestão de amadores: os bastidores de um fracasso que já custou 308 vidas.** Agência Sumaúma, 2024. Disponível em: <https://sumauma.com/gestao-de-amadores-os-bastidores-de-um-fracasso-que-ja-custou-308-vidas/>. Acesso em: 8 mar. 2026.

SURVIVAL BRASIL. **Os Yanomami.** Survival International Brasil. Disponível em: <https://survivalbrasil.org/povos/yanomami>. Acesso em: 4 mar. 2026.

